

Estudo de caso

## Ansiedade em acadêmicos de enfermagem: análise pela escala hospitalar de ansiedade e depressão

### *Anxiety in nursing academics: Analysis by the hospital scale of anxiety and depression*

Maria Sinthya Pinho Araújo<sup>1</sup>; Isabela Rocha Siebra<sup>2</sup>; Glícia Uchôa Gomes Mendonça<sup>3</sup>; Helmo Robério Ferreira de Meneses<sup>4</sup>; José Gerefson Alves<sup>5</sup>; Jayana Castelo Branco Cavalcante de Meneses<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, Campus Iguatu-Ceará, Brasil. E-mail: [sinthya.piinho@hotmail.com](mailto:sinthya.piinho@hotmail.com);

<sup>2</sup>Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Campus Saúde, Juazeiro do Norte, Ceará; Mestre em Saúde da Comunicação Humana pelo Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: [enfa.isabelars@gmail.com](mailto:enfa.isabelars@gmail.com);

<sup>3</sup>Graduada em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri, Campus Crato, Ceará; Mestre em Tecnologia e Inovação em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Inovação em Enfermagem da Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [glicia\\_efm@yahoo.com.br](mailto:glicia_efm@yahoo.com.br);

<sup>4</sup>Graduado em Direito pela Universidade Regional do Cariri, Campus Iguatu, Iguatu, Ceará; Mestre em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Pombal, Paraíba, Brasil. E-mail: [helmo\\_rob@hotmail.com](mailto:helmo_rob@hotmail.com);

<sup>5</sup>Enfermeiro graduado pela Universidade Regional do Cariri, Campus Iguatu, Iguatu, Ceará, Brasil. E-mail: [gerfesoncip@gmail.com](mailto:gerfesoncip@gmail.com).

<sup>6</sup>Graduada em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri e Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Campus Crato, Ceará, Brasil. E-mail: [jayanacastelobranco@hotmail.com](mailto:jayanacastelobranco@hotmail.com).

**Resumo:** Este estudo objetivou analisar a presença de ansiedade em acadêmicos de enfermagem através da Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão. Trata-se de estudo transversal, descritivo desenvolvido em uma universidade do interior do Nordeste Brasileiro. Os dados foram analisados por estatística descritiva com o auxílio do software *Statistical Package for Social Science versão 22.0 for Windows*, apresentados em tabelas e discutidos com base na literatura pertinente ao tema. A pesquisa contou com 106 participantes, constatando-se predominância de mulheres, solteiras, com idade média de  $21,9 \pm 3,7$  anos, renda familiar mensal de um salário mínimo, procedentes na zona urbana, com núcleo familiar composto de três a cinco membros. A presença de ansiedade, investigada pela aplicação da escala, aponta possível presença de ansiedade em mais da metade dos acadêmicos de enfermagem participantes, com presença de sintomas ansiosos mais elevada nos alunos do quinto período. Conclui-se, portanto, que a prevalência de ansiedade nos acadêmicos de enfermagem participantes pode ter relação com a complexidade crescente do curso e deve ser objetivo de pesquisas futuras mais aprofundadas.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Escala hospitalar de ansiedade e depressão; Transtorno de ansiedade.

**Abstract:** This study aimed to analyze the presence of anxiety in nursing students through the Hospital Anxiety and Depression Scale. This is a cross-sectional, descriptive study developed at a university in the interior of Northeast Brazil. Data were analyzed using descriptive statistics with the help of the Statistical Package for Social Science version 22.0 for Windows software, presented in tables and discussed based on the literature relevant to the topic. The research had 106 participants, with a predominance of single women, with an average age of  $21.9 \pm 3.7$  years, monthly family income of one minimum wage, coming from the urban area, with a family nucleus composed of three to five members. The presence of anxiety, investigated by the application of the scale, points to the possible presence of anxiety in more than half of the participating nursing students, with a higher presence of anxious symptoms in students in the fifth period. It is concluded, therefore, that the prevalence of anxiety in participating nursing students may be related to the increasing complexity of the course and should be the objective of further research in the future.

**Keywords:** Nursing; Anxiety disorder; Hospital anxiety and depression scale.

## 1 INTRODUÇÃO

O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) pode ser conceituado como um distúrbio que se manifesta pela preocupação excessiva ou expectativa apreensiva que se

tornam prejudiciais quando persistem por longos períodos e interferem nas obrigações diárias (APA, 2014).

Podem-se observar manifestações clínicas como: sudorese excessiva, tremores, inquietação, dispneia, aumento da frequência cardíaca, dentre outros sinais. Por vezes, estes podem ser confundidos com manifestações

decorrentes de intoxicação ou abstinência de uma substância, como o uso da cafeína ou nicotina, por exemplo, os quais também podem aumentar o nível de ansiedade e conduzir o indivíduo ao transtorno, para além de possível dependência química (APA, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou uma lista dos países que mais sofrem com TAG, onde o Brasil lidera com 9,3% da população brasileira diagnosticada. Os diversos fatores que contribuem com este quadro incluem iniquidades na divisão dos recursos socioeconômicos, desemprego, relação homem-ambiente insalubre, estilo de vida nas grandes cidades, entre outros (OMS, 2017).

A prevalência do TAG no Brasil varia entre 0,7% e 24%. Um aumento relativo de mais de 50% na prevalência do TAG aponta a necessidade de mais pesquisas acerca desta temática, sobretudo no reconhecimento dos fatores predisponentes e busca de tratamento adequado (MENEZES *et al.*, 2017).

Considerando grupos populacionais específicos, estima-se que 15 a 25% dos universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico no decorrer da formação acadêmica, dentre estes transtornos expressa-se como mais comuns os depressivos e de ansiedade (VASCONCELOS *et al.*, 2015).

Com isso, o ambiente acadêmico se torna, por vezes, o causador de distúrbios patológicos, ao passo que sucede elevada problemática em relação à ansiedade acadêmica (MONTEIRO *et al.*, 2007).

No contexto acadêmico, especificamente no tocante às graduações na área da saúde, este processo pode ser exacerbado pelo fato de que a maioria é jovem, com pouca maturidade, além de limitada ou nenhuma experiência com pessoas enfermas, ou em risco iminente de morte (BASTOS *et al.*, 2008).

Vivências frequentes em estudantes com TAG envolvem sentimentos de tensão antecedentes às provas, desespero, distração, desinteresse com as aulas e os trabalhos acadêmicos. A somatização do mal-estar psicológico pode desencadear sinais e sintomas como mãos frias, taquicardia, taquipneia e dores abdominais (SANCHES *et al.*, 2012).

A identificação de sinais de ansiedade em grupos diversos pode ser realizada por escalas específicas com o intuito de avaliar este transtorno temporalmente (APA, 2014).

Dentre estas, destaca-se a *Hospital Anxiety and Depression Scale*, traduzida para o português como Escala Hospitalar de ansiedade e Depressão ou, simplesmente, Escala HAD, por sua praticidade e acurácia (BARROS, 2017). Tal instrumento apresenta fácil manipulação e rápida aplicação, capaz de ser executada tanto pelo usuário, quanto pelo entrevistador. A princípio, Zigmond e Snaith idealizaram a escala de modo a discernir sintomas de ansiedade e depressão em clientes não psiquiátricos de hospitais clínicos, sendo subsequentemente empregada a pacientes não internados e sem doenças diagnosticadas (LIMA; VIEGAS, 2011).

Por entender que a ansiedade pode intervir na adaptação à nova fase e no desempenho do discente em suas diversas fases de aprendizado; considerando os poucos estudos sobre esta temática, publicados na área da

enfermagem, questiona-se: Como encontram-se os níveis de ansiedade nos alunos de graduação em enfermagem?

Salienta-se que este estudo não tem fins diagnósticos, mas almeja elucidar a presença de manifestações clínicas em universitários, o que pode ser perfeitamente verificado com o uso da Escala HAD.

Portanto, este estudo objetivará analisar a presença de ansiedade em acadêmicos de enfermagem pela Escala HAD. Desse modo, pretende-se contribuir para o entendimento dessa problemática, possibilitando o planejamento de intervenção coletiva na realidade evidenciada.

Além disso, a discussão dos fatores envolvidos neste processo permitirá desmistificar o TAG e propor estratégias de superação do modelo de pressão social e pedagógica que ainda permeia a vida de estudantes universitários.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de estudo transversal e descritivo, realizado na Universidade Regional do Cariri - URCA, *Campus Iguatu*, município localizado na região Centro-sul do estado, ao Sul do Ceará.

A população do estudo foi constituída por acadêmicos de enfermagem regularmente matriculados na referida IES, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão:

- Estar cursando o segundo período do curso, representando os estudantes recém-chegados ao âmbito acadêmico, mas que já tiveram a experiência de ao menos um semestre letivo;
- Estar cursando o quinto período do curso, representando os discentes na metade da graduação, período que vivenciam pela primeira vez a experiência de estágio curricular;
- Estar cursando o décimo período do curso, representando os alunos que estão prestes a sair da universidade e adentrar ao mercado de trabalho.

Sem minimizar o significado dos demais períodos, estes três grupos representam três momentos importantes da formação acadêmica. Portanto, foram considerados os mais adequados para comporem a amostra desta pesquisa. Não foi adotado nenhum critério de exclusão.

Os dados foram coletados durante os meses de março a abril de 2019. A coleta foi realizada por meio da aplicação de dois instrumentos: um questionário com informações socioeconômicas e acadêmicas; e a Escala HAD. Os instrumentos foram preenchidos pelo próprio acadêmico, com a presença do pesquisador apenas para esclarecimento de dúvidas.

A Escala HAD possui 14 perguntas: sete para investigar probabilidade de ansiedade e sete para identificar sinais de depressão. Em cada uma dessas subescalas, escores menores que 7 pontos serão considerados como sintomas inexistentes ou subclínicos; escores de 7 pontos a menores que 10 pontos serão considerados como sintomas leves; escores de 10 pontos a menores que 13 pontos serão considerados como sintomas moderados; escores de 13 pontos ou maiores serão considerados sintomas graves (BARROS, 2017).

Tal escala exibe possibilidades de respostas para cada pergunta de um a quatro atualmente, equivalendo à pontuação um, a “nunca ter se sentido assim” e a pontuação quatro a “sempre ter se sentido dessa maneira”. O escore global varia de zero a 21 pontos para cada disfunção investigada (ansiedade e depressão) (FERNANDES; SOUZA, 2009).

Vale ressaltar que, neste estudo, foram analisadas apenas às sete questões da subescala de ansiedade, identificadas por numeração ímpar (1,3,5,7,9,11 e 13).

Ressalta-se que foi realizado um pré-teste do questionário de coleta quanto à compreensão por parte dos participantes e alcance dos objetivos propostos pelo estudo, mas não foi necessária nenhuma adequação do instrumento.

Os dados foram organizados mediante codificação das variáveis do estudo e armazenamento no programa *Statistical Package for Social Science (SPSS) versão 22.0 for Windows*. Posteriormente, foram apresentados em forma de tabelas e analisados por estatística descritiva (valores numéricos, percentuais, média, desvio padrão, máxima, mínima e moda). A discussão foi amparada pela literatura pertinente ao assunto.

Esta pesquisa seguiu as orientações presentes nas Resoluções nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e nº 510 de 07 de abril de 2016, as quais dispõem sobre as recomendações para pesquisas em saúde e ciências sociais com seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Regional do Cariri, sob CAAE 09144519.7.0000.5055.

### 3 RESULTADOS

Compuseram a amostra deste estudo 106 estudantes de enfermagem. Os participantes possuíam idade média de 21,9 anos  $\pm$  3,7, a qual variou de 18 a 36 anos, predominando nestes a idade de 19 anos.

Houve predominância de participantes do gênero feminino (83%), solteiros (84,9%), procedentes da zona urbana (87,7%), com núcleo familiar composto de três a cinco membros (85,8%) e com renda familiar mensal de até um salário mínimo ou R\$ 998,00 (42%). A maioria dos alunos precisou mudar de localidade para cursar a faculdade (50,9%). A tabela 1 expõe os dados relativos à caracterização socioeconômica dos participantes.

**Tabela 1** - Distribuição numérica e percentual dos participantes quanto às variáveis socioeconômicas. Iguatu, Ceará, 2019.

| VARIÁVEL                                | VALOR NUMÉRICO (N) | PORCENTAGEM (%) |
|---|--------------------|-----------------|
| <b>Gênero</b>                           |                    |                 |
| Masculino                               | 18                 | 17,0%           |
| Feminino                                | 88                 | 83,0%           |
| <b>Estado civil</b>                     |                    |                 |
| Casado (a)                              | 10                 | 9,4%            |
| Solteiro (a)                            | 90                 | 84,9%           |
| Separado/ Divorciado (a)                | 2                  | 1,8%            |
| União estável                           | 4                  | 3,8%            |
| <b>Procedência</b>                      |                    |                 |
| Zona Rural                              | 13                 | 12,3%           |
| Zona Urbana                             | 93                 | 87,7%           |
| <b>Composição núcleo familiar</b>       |                    |                 |
| Possui até dois membros                 | 13                 | 12,3%           |
| Possui de três a cinco membros          | 91                 | 85,8%           |
| Possui mais de seis membros             | 2                  | 1,9%            |
| <b>Renda familiar mensal</b>            |                    |                 |
| Um salário mínimo                       | 45                 | 42,0%           |
| Dois salários mínimos                   | 16                 | 14,9%           |
| Três salários mínimos                   | 32                 | 30,2%           |
| Quatro salários mínimos ou mais         | 13                 | 12,2%           |
| <b>Mudou de residência para estudar</b> |                    |                 |
| Sim                                     | 54                 | 50,9%           |
| Não                                     | 52                 | 49,1%           |
| <b>TOTAL</b>                            | <b>106</b>         | <b>100%</b>     |

Fonte: Autores (2019).

Informações relacionadas ao contexto acadêmico estão dispostas na tabela 2. Evidencia-se que a maior parte dos alunos cursava o quinto período (35,8%), escolheram

a graduação em enfermagem como primeira opção ao prestar vestibular (64,2%) e nunca pensaram em mudar de curso (50,9%).



**Tabela 2** - Distribuição numérica e percentual dos participantes quanto às variáveis acadêmicas. Iguatu, Ceará, 2019.

| VARIÁVEL   | VALOS NUMÉRICO (N) | PORCENTAGEM (%) |
|--|--------------------|-----------------|
| <b>Período em curso</b>                          |                    |                 |
| Segundo período                                  | 35                 | 33%             |
| Quinto período                                   | 38                 | 35,8%           |
| Décimo período                                   | 33                 | 31,1%           |
| <b>Enfermagem como opção de graduação</b>        |                    |                 |
| Primeira escolha                                 | 68                 | 64,2%           |
| Segunda escolha                                  | 34                 | 32,1%           |
| Terceira escolha                                 | 4                  | 3,8%            |
| <b>Pensou em mudar de curso</b>                  |                    |                 |
| Nunca  | 54                 | 50,9%           |
| Algumas vezes                                    | 46                 | 43,4%           |
| Frequentemente                                   | 6                  | 5,7%            |
| <b>Motivos</b>                                   |                    |                 |
| Sem resposta                                     | 51                 | 48,1%           |
| Razões financeiras                               | 32                 | 30,2%           |
| Desilusão com o curso                            | 19                 | 17,9%           |
| Sentir-se só                                     | 4                  | 3,8%            |
| <b>Já cursou outra graduação</b>                 |                    |                 |
| Sim  | 15                 | 14,2%           |
| Não  | 91                 | 85,8%           |
| <b>Participação em atividades complementares</b> |                    |                 |
| Monitoria  | 6                  | 5,7%            |
| Projeto de pesquisa                              | 16                 | 15,1%           |
| Centro acadêmico                                 | 6                  | 5,7%            |
| Projeto de extensão                              | 24                 | 22,6%           |
| Liga acadêmica                                   | 8                  | 7,5%            |
| <b>Total</b>                                     | <b>106</b>         | <b>100%</b>     |

Fonte: Autores (2019).

Vale salientar que a maioria dos participantes tem na graduação em enfermagem sua primeira experiência no ensino superior (85,8%).

Os participantes foram questionados quanto à presença de diagnóstico prévio ou atual de doença mental, dos quais 11,3% (n=12) confirmaram essa informação. Destes, 9,4% (n=10) afirmaram ter feito ou fazerem tratamento para transtorno de ansiedade. Ainda se obteve relatos de tratamento prévio para síndrome do pânico (0,9%) e depressão (0,9%).

A presença de ansiedade foi investigada pela aplicação da escala HAD. O somatório dos pontos da escala aponta a possível presença de ansiedade em 36,8% e a provável presença de ansiedade em 27,4% dos participantes, de modo que o total de 64,2% dos acadêmicos de enfermagem que participaram deste estudo referiram a presença de sintomas ansiosos em níveis elevados (TABELA 3).

**Tabela 3** - Distribuição numérica e percentual dos participantes de acordo com as respostas à Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HAD). Iguatu, Ceará, 2019.

| VARIÁVEL   | VALOR NUMÉRICO (N) | PORCENTAGEM (%) |
|--|--------------------|-----------------|
| <b>Eu me sinto tensa (o) ou contraída (o)</b>                                  |                    |                 |
| A maior parte do tempo   | 14                 | 13,2%           |
| Boa parte do tempo   | 29                 | 27,4%           |
| De vez em quando   | 58                 | 54,7%           |
| Nunca  | 5                  | 4,7%            |
| <b>Eu sinto uma espécie de medo, como se alguma coisa ruim fosse acontecer</b> |                    |                 |
| Sim, de jeito muito forte  | 16                 | 15,1%           |
| Sim, mas não tão forte   | 45                 | 42,5%           |
| Um pouco, mas isso não me preocupa   | 30                 | 28,3%           |
| Não sinto nada disso   | 15                 | 14,2%           |
| <b>Estou com a cabeça cheia de preocupações</b>                                |                    |                 |
| A maior parte do tempo   | 28                 | 26,4%           |

Recebido em:28/10/2021 e aceito para publicação em: 29/12/2021.



|   |            |             |
|---|------------|-------------|
| Boa parte do tempo  | 38         | 35,8%       |
| De vez em quando  | 35         | 33%         |
| Raramente   | 5          | 4,7%        |
| <b>Consigo ficar sentado à vontade e me sentir relaxado</b>                                 |            |             |
| Sim, quase sempre   | 23         | 21,7%       |
| Muitas vezes  | 38         | 35,8%       |
| Poucas vezes  | 43         | 40,6%       |
| Nunca   | 2          | 1,9%        |
| <b>Eu tenho uma sensação ruim de medo, como um frio na barriga ou um aperto no estômago</b> |            |             |
| Nunca   | 16         | 15,1%       |
| De vez em quando  | 68         | 64,2%       |
| Muitas vezes  | 11         | 10,4%       |
| Quase sempre  | 11         | 10,4%       |
| <b>Eu me sinto inquieta (o), como se eu não pudesse ficar parada (o) em lugar nenhum</b>    |            |             |
| Sim, demais   | 10         | 9,4%        |
| Bastante  | 14         | 13,2%       |
| Um pouco  | 48         | 45,3%       |
| Não me sinto assim  | 34         | 32,1%       |
| <b>De repente, tenho a sensação de entrar em pânico</b>                                     |            |             |
| A quase todo momento  | 5          | 4,7%        |
| Várias vezes  | 17         | 16,0%       |
| De vez em quando  | 38         | 35,8%       |
| Não senti isso  | 46         | 43,4%       |
| <b>Escore global</b>  |            |             |
| Improvável  | 38         | 35,8%       |
| Possível  | 39         | 36,8%       |
| Provável  | 29         | 27,4%       |
| <b>Total</b>  | <b>106</b> | <b>100%</b> |

Fonte: Autores (2019).

A tabela 4 dispõe a classificação dos estudantes quanto à pontuação da escala nas categorias “Improvável, Possível e Provável” por período do curso.

TABELA 4 - Distribuição numérica e percentual dos participantes quanto à classificação do escore de ansiedade por período do curso. Iguatu, Ceará, 2019.

| Variável      | N               | %           | N              | %           | N              | %           | N          | %           |
|---------------|-----------------|-------------|----------------|-------------|----------------|-------------|------------|-------------|
| Classificação | Segundo período |             | Quinto período |             | Décimo período |             | Total      |             |
| Improvável    | 14              | 40,0%       | 8              | 21,1%       | 16             | 48,5%       | 38         | 35,9%       |
| Possível      | 10              | 28,6%       | 19             | 52,6%       | 10             | 30,3%       | 39         | 36,8%       |
| Provável      | 11              | 31,4%       | 10             | 26,3%       | 7              | 21,2%       | 29         | 27,3%       |
| <b>TOTAL</b>  | <b>35</b>       | <b>100%</b> | <b>38</b>      | <b>100%</b> | <b>33</b>      | <b>100%</b> | <b>106</b> | <b>100%</b> |

Fonte: Autores (2019).

No Escore global, a maioria dos participantes foi categorizada como “Possível” presença de ansiedade (36,8%). Analisando-se de forma cumulativa as categorias “Possível” e “Provável”, observam-se 60% dos alunos do segundo período, 78,9% do quinto período e 64,1% do décimo período com presença de sinais de ansiedade de moderada e intensa intensidade.

#### 4 DISCUSSÃO

O perfil socioeconômico observado pode fornecer pistas sobre o fenômeno da ansiedade no público em questão. Verificou-se maioria do gênero feminino, constatação também observada no estudo de Santos e Galdeno (2009) com acadêmicos de enfermagem do Hospital Albert Einstein (88,8%).

Tocante ao gênero, o número de diagnósticos de ansiedade em mulheres é elevado se comparado aos homens. Isso pode ser atribuído a algumas fases do ciclo vital exclusivas da população feminina e ao próprio ciclo

menstrual, contribuindo para a manifestação dos sintomas do TAG (OMS, 2017).

Os participantes deste estudo foram de faixa etária jovem. Wagner *et al.* (2014), afirma que a faixa etária com maior predominância de transtorno de ansiedade inclui idades entre 18 a 29 anos.

Questiona-se, entretanto, a relação entre estas variáveis: se tal faixa etária predispõe a uma maior prevalência de ansiedade, por trata-se da transição da adolescência para a vida adulta, ou se a vivência acadêmica nesta faixa etária é que conduz à elevação da ansiedade. Supõe-se que a junção destes dois fatores tem potencial para acarretar estressores que podem levar ao desenvolvimento de quadros de ansiedade generalizada.

Os participantes demonstraram renda familiar mensal média inferior a um salário mínimo, atrelado a um núcleo familiar composto de três a cinco membros. Isto pode sugerir dificuldades financeiras na manutenção do lar que podem levar a tensões familiares. Bampi *et al.* (2013)

afirmam que a dificuldade financeira familiar é um fator que prejudica diretamente a qualidade de vida e pode ocasionar sintomas de ansiedade.

Pouco mais da metade dos alunos entrevistados relataram a necessidade de mudar de residência para estudar. Grande maioria dos estudantes que precisam transferir-se para outra cidade ou região para cursar o ensino superior, referiam saudade de suas casas e, em casos mais extremos, desinteresse, alteração de sono, fadiga e crise de choro, elevando os níveis de ansiedade (VIZZOTTO *et al.*, 2017).

Já os alunos que permaneceram em suas cidades, se sentiram mais amparados no campo familiar, organizaram melhor a rotina estudantil, apresentaram satisfatório equilíbrio emocional e exibiram maior autoconfiança e positividade (FERNANDE, 2011).

Quanto à escolha do curso, 35,9% não escolheram a enfermagem como primeira opção. Caso o aluno não se identifique com a proposta deste curso preterido, isto pode afetar diretamente a saúde mental do estudante, causando frustração e tensão, o que pode ter relação com o fato de quase metade dos participantes já ter cogitado mudar de curso.

Estudo realizado com alunos pré-vestibulandos do Rio Grande do Sul, utilizando o questionário de Beck para pesquisa de ansiedade, concluiu que os alunos que não estavam certos quanto ao curso que iriam escolher, já apresentaram, antes mesmo de entrar no ensino superior, percentual elevado no escore de ansiedade (RODRIGUES; PELISOLI, 2008).

Durante a preparação das atividades teóricas e práticas do curso, há uma incerteza sobre a capacidade de o aluno ter desempenho satisfatório nas obrigações acadêmicas, de modo que tais indagações podem confundir a mente do indivíduo, levando-o a desistir dos seus compromissos por conta da ansiedade (WAGNER *et al.*, 2014).

Vale ressaltar que inúmeros jovens buscam realizar atividades extracurriculares, além das práticas da vida pessoal. Aliado a isso, mediante a vontade de realizar determinadas tarefas, adentrar novos ambientes e conhecer outras pessoas, o jovem pode adquirir certa dificuldade em priorizar suas funções, almejando realizar tudo em simultâneo, e vivenciando exaustão e baixa produtividade escolar (PEREIRA, 2009), reduzindo o tempo livre para lazer.

Estudos realizados com acadêmicos apontam que percentuais de 15,1% a 26,9% destes já haviam feito tratamento psicológico para algum sintoma sugestivo de doença mental (RODRIGUES *et al.*, 2012; VASCONCELOS *et al.*, 2015).

Para os que já têm o diagnóstico de TAG, a experiência acadêmica pode acarretar estressores adicionais. Associem-se, ainda, alguns fatores que podem afetar o aprendizado, como a dificuldade de adaptação, os exames parciais, o autoritarismo pedagógico, os atrasos dos semestres, as expectativas que os alunos criam em relação à carreira profissional e a pressão psicológica familiar. Isto pode levá-los a vivenciar estados de ansiedade que prejudicam seu desenvolvimento acadêmico, o desempenho mental e o funcionamento corporal (SARRAZOLA *et al.*, 2016).

A aplicação da Escala HAD obteve um total de 64,1% de estudantes de enfermagem com presença de sintomas ansiosos, ao se somar os resultados das categorias “Possível” e “Provável”, por entender que os dois representam estágios de presença de sintomas ansiosos moderados e intensos respectivamente. Desse modo, a maior parte dos acadêmicos investigados demonstrou ansiedade em algum nível.

Pesquisa realizada por Bastos *et al.* (2008) com 38 acadêmicos matriculados na Faculdade de Enfermagem do Hospital Albert Einstein, demonstrou que 42% dos alunos apresentavam sintomas ansiosos aferidos pela Escala HAD.

Pinto *et al.* (2018), utilizando a mesma escala em amostra composta por estudantes de medicina do sudeste do país, encontrou percentuais de 62,3% dos acadêmicos com presença de ansiedade.

Estudos com objetivos semelhantes, mas que usaram outras ferramentas de para avaliação de ansiedade, como a Escala Beck de Ansiedade, obtiveram percentuais semelhantes com a maioria dos participantes sendo classificados com presença de sintomas leves de ansiedade (RODRIGUES; PELISOLI, 2008; SANTOS, 2014).

Em contrapartida, pesquisa realizada por Chaves *et al.* (2015), com 609 alunos dos cursos de enfermagem, odontologia, farmácia e fisioterapia, mediante uso da escala de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), aponta que 91,5% apresentavam níveis moderados e altos de ansiedade traço e 92,9% também moderados e altos de ansiedade estado.

Observa-se, portanto, que a presença de ansiedade em jovens universitários é uma constante, aferida por diferentes instrumentos e atribuída a inúmeros motivos, que carece urgentemente de intervenções que alterem essa realidade.

No curso em análise, o quinto período é o momento em que os alunos estão se preparando para aplicar todo o aparato teórico construído até ali nos estágios. Quando analisados os percentuais cumulativos das categorias “Possível” e “Provável”, observou-se uma elevação dos sintomas ansiosos no meio do curso, seguida de elevação mais discreta ao final do curso.

É essencial que o estudante de enfermagem se encontre em padrões apropriados de saúde mental e física na vivência prática, de modo a não prejudicar seu rendimento durante os estágios (MONTEIRO *et al.*, 2007).

Infere-se que a preparação psicológica para além da preparação teórica vigente antes do início dos estágios pode reduzir as tensões associadas a este momento e potencializar o processo ensino-aprendizagem nesta etapa.

Em relação aos acadêmicos possíveis concludentes do décimo período, observa-se a perspectiva sobre o início de uma nova fase e preocupação demasiada com o que há de vir. Portanto, esse período pode ser causador de ansiedade nos acadêmicos (PINTO *et al.* 2018).

Entretanto, não foi possível confirmar uma tendência de elevação dos sintomas ansiosos no decorrer do curso, uma vez que este estudo não seguiu os participantes no tempo. Portanto, recomenda-se o desenvolvimento de estudos observacionais para verificar de forma mais fiável as associações entre sintomas ansiosos e o transcorrer do curso de graduação em enfermagem.

## 5 CONCLUSÃO

Observou-se perfil socioeconômico e acadêmico dos estudantes de enfermagem predisponente a quadros de ansiedade. Além de pequena parcela dos participantes já possuir diagnóstico prévio de transtorno de ansiedade, a aplicação da escala HAD aponta a presença de sintomas ansiosos moderados e intensos em mais da metade dos acadêmicos. A análise categorizada por período apontou maior percentual de sintomas ansiosos nos alunos do quinto período, o que pode ter relação com o início dos estágios curriculares.

Vale ressaltar que este estudo não tem a finalidade de criar uma perspectiva diagnóstica, constituindo importante estratégia a favor da prevenção e combate à ansiedade no âmbito acadêmico. Recomenda-se o desenvolvimento de mais pesquisas que analisem a ocorrência de ansiedade em universitários de forma longitudinal, como estudos de coorte.

Mediante o exposto, conclui-se que o ambiente acadêmico de enfermagem na sociedade contemporânea pode contribuir para o desenvolvimento de ansiedade, obrigando-nos a repensar nossa formação, no sentido de se buscar meios de aprendizagem mais humanizados e acolhedores.

## REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAMPI, L. N. S.; BARALDI, S.; GUILHEM, D.; POMPEU, R. F.; CAMPOS, A. C. O. Percepção sobre qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. *Rev. Gaúcha Enferm*, v.34, n.1, p.125-132, 2013. 10.1590/S1983-14472013000200016.

BARROS, R. F. O. Ansiedade e depressão em universitários estudantes de educação física da Universidade Federal de Santa Catarina. 2017. 41f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017.

BASTOS, J. C. F.; MOHALLEM, A. G. C.; FARAH, O. G. D. Ansiedade e depressão em alunos de Enfermagem durante o estágio de Oncologia. *Einstein*, v. 6, n. 1, p.7-12, 2008.

CHAVES, E. C. L.; IUNES, D. H.; MOURA, C. C.; CARVALHO, L. C.; SILVA, A. M.; CARVALHO, E. C. Ansiedade e espiritualidade em estudantes universitários: um estudo transversal. *Revista Brasileira Enfermagem*, v.68, n. 3, p.444-449, 2015. 10.1590/0034-7167.20156803181.

FERNANDES, S. C. S.; SOUZA, V. H. Análise da ansiedade e depressão para uma amostra não clínica. *Psicologia & foco*, v. 2, n. 1, p.39-47, 2009.

FERNANDES, V. M. P. Adaptação Acadêmica e Auto-Eficácia em Estudantes Universitários do 1º Ciclo de Estudos. 2011. 165f. Dissertação (Mestrado em

Psicologia Clínica e Saúde) Universidade Fernando Pessoa, Porto. 2011.

LIMA, M. S.; VIEGAS, C. A. A. Avaliação do Grau de Ansiedade, Depressão e Motivação dos Fumantes que Procuraram Tratamento para Deixar de Fumar no Distrito Federal. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v, 57, n. 3, p.345-353, 2011. 10.32635/2176-9745.RBC.2011v57n3.669.

MENEZES, A.K.S.; MOURA, L.F.; MAFRA, V.R. Transtorno de ansiedade generalizada: uma revisão da literatura e dados epidemiológicos. *Revista Amazônia Science & Health*, v.5, n. 3, p.42-49, 2017.

MONTEIRO, C. F. S.; FREITAS, J. F. M.; RIBEIRO, A. A. P. Estresse no cotidiano acadêmico: o olhar dos alunos de enfermagem da universidade federal do Piauí. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, v. 11, n. 1, p.66-72, 2007. 10.1590/S1414-81452007000100009.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial da saúde. 1. ed. Lisboa: New Understanding, 2002.

PEREIRA, A. C. N. Análise de depressão e ansiedade nos alunos do ensino superior: comparação com um estudo do curso de Radiologia. 2009. 44 p. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Radiologia) Dr. Lopes Dias do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco. 2009.

PINTO, N. A. J.; CAVESTRO, J. M.; FERREIRA, W. Prevalência de transtorno de ansiedade generalizada em estudantes de medicina. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, v.2, n.2, p.36-43, 2018.

RODRIGUES, D. G.; PELISOLI, C. Ansiedade em vestibulandos: um estudo exploratório. *Revista psiquiatria clínica*, v.35, n.5, p.171-177, 2008. 10.1590/S0101-60832008000500001.

RODRIGUES, M. E. S.; SILVEIRA, T. B.; JANSEN, K.; CRUZEIRO, A. L. S.; ORES, L.; PINHEIRO, R. T.; SILVA, R.A.; TOMASI, E.; SOUZA, L. D. M. Risco de suicídio em jovens com transtornos de ansiedade: estudo de base populacional. *Psico-USF*, v. 17, n. 1, p.53-62, 2012. 10.1590/S1413-82712012000100007.

SANCHES, S.; OSÓRIO F. L.; UDINA, M.; SANTOS, R.; CRIPPA, J. Associação entre ansiedade e hiper mobilidade articular: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 34, n.11, p.53-68, 2012. 10.1590/S1516-44462012000500005.

SANTOS, M. D. L.; GALDEANO, L. E. Traço e estado de ansiedade de estudantes de enfermagem na realização de uma prova prática. *Revista Mineira Enfermagem*, v. 13, n.1, p.76-83, 2009.

SANTOS, R. M. Perfil de ansiedade em estudantes universitários de cursos da área da saúde. 2014. 86 f. Dissertação (Mestrado em saúde pública) Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba. 2014.

SARRAZOLA, A. M.; SOTO, J. D.; CARMONA, L.; GARCÍA, M.; ROJAS, G.; TABARES, V.; VÁSQUEZ, M. Trastornos emocionales y rendimiento académico em

Revista Brasileira de Educação e Saúde-REBES  
Grupo Verde de Agroecologia e Abelhas-GVAA

estudantes de odontologia. Rev. Estomatologia, v, 25,  
n.1, p.25-30, 2016. 10.25100/re.v25i2.6500.

VASCONCELOS, T. C.; DIAS, B. R. T.; ANDRADE, L.  
R.; MELO, G. F.; BARBOSA, L.; SOUZ, E. Prevalência  
de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de  
Medicina. Revista brasileira de educação médica, v.  
39, n.1, p.135-142, 2015. 10.1590/1981-  
52712015v39n1e00042014.

VIZZOTTO, M. M.; JESUS, S. N.; MARTINS, A. C.  
Saudades de Casa: Indicativos de Depressão, Ansiedade,  
Qualidade de Vida e Adaptação de Estudantes  
Universitários. Revista Psicologia e Saúde, v. 9, p. 59-73,  
2017. 10.20435/pssa.v9i1.469.

WAGNER, M. F.; WAHL, S. D. Z.; CECCONELLO, W.  
W. Sintomas de fobia social no ensino superior: uma  
amostra de população feminina. Mudanças – Psicologia  
da saúde, v. 22, n. 2, p.49-54, 2014. 10.15603/2176-  
1019/mud.v22n2p49-54.